



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

30 de novembro e 01 de dezembro 2019

**Notícias do Dia
Capa e Especial**

“O dia em que Florianópolis parou”

O dia em que Florianópolis parou / Novembrada / Agecom / UFSC / UNE / União Nacional de Estudantes / DCE / Diretório Central dos Estudantes / Moacir Loth / Neide Monteiro de Castro Silvestre / Estudante na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras / Paulo Dutra / James Tavares

NOVEMBRADA

**HÁ 40 ANOS,
A CAPITAL
PAROU**

O dia **30 de novembro de 1979** foi de protestos contra o presidente João Baptista **Figueiredo**; testemunhas relatam os fatos ao ND. Páginas 3, 4 e 6



Placa em tributo a Floriano Peixoto, um dos estopins da confusão



Da sacada do Palácio Cruz e Sousa, Figueiredo e o então governador Jorge Konder Bornhausen observam as manifestações na praça 15

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
Especial para o ND.

Quando desembarcou no aeroporto Hercílio Luz e topou com bandeirinhas e balões com frases que louvavam seus dotes de conciliador, adjetivo forjado pelo Planalto para justificar a estratégia de transição lenta e gradual para um governo civil, o general João Baptista Figueiredo não imaginou que a poucos quilômetros dali enfrentaria uma turba nada amistosa na cidade das oligarquias e de histórica condescendência com a vontade dos governantes. Nem as donas de casa que bateram panelas no caminho para o Centro de Florianópolis, naquela manhã de 30 de novembro, abalaram a comitiva presidencial. Foi perto do meio-dia que eclodiram os protestos, vaias e safanões que, na leitura dos especialistas, precipitaram o fim do regime militar e pavimentaram o caminho para a redemocratização do país.

Há quem veja a Novembrada, como ficou conhecido o episódio de 40 anos atrás, como efeito dos aumentos no preço da gasolina e nas tarifas de energia elétrica, além da inflação que ameaçava disparar. Outros acham que amadureceu ali o fruto de anos de organização estudantil, após o período em que a UNE (União Nacional de Estudantes) permaneceu na clandestinidade. E também existe quem atribua a promessas não cumpridas com o Estado, por parte do governo Federal, como estopim para a insatisfação coletiva que emergiu na praça 15 de Novembro e se espalhou pelas ruas centrais da cidade.

Outra versão digna de consideração é a da homenagem que seria feita ao ex-presidente Floriano Peixoto – uma placa de ferro junto à figueira da praça –, o homem que ordenou o fuzilamento de centenas de figuras proeminentes da cidade na Ilha de Anhatomirim, em 1894. O fato é que aquele dia de 1979 tirou Florianópolis do anonimato, ainda que a imprensa nacional, surpreendida, tenha reagido com parcimônia ao conflito entre o presidente da República e populares em frente e no entorno do Palácio Cruz e Sousa.

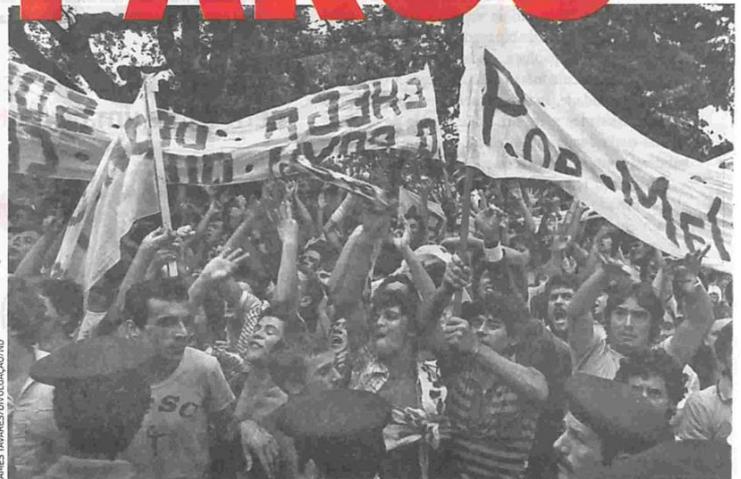
Os veículos de imprensa locais também foram econômicos nas palavras, mas não tinham como escamotear os acontecimentos. "O Estado", principal jornal impresso de Santa Catarina, deu uma fotografia de capa inteira ao episódio e disse que "as manifestações de protesto degeneraram para ofensas pessoais a Figueiredo". Já o "Jornal de Santa Catarina", de Blumenau, censurou o material produzido pela equipe da sucursal da Capital e preferiu ressaltar, na abertura da reportagem, que o presidente "quebrou o protocolo e misturou-se ao povo, abraçando e beijando crianças, mulheres e velhos".



Momento histórico da política catarinense, que completa 40 anos neste sábado, o 30 de novembro foi de protestos contra o presidente João Figueiredo

O dia em que Florianópolis

PAROU



Um grupo pequeno de manifestantes transformou-se em um grande ato de protesto no Centro da cidade

➔ Leia mais nas PÁGINAS 4 E 6

"Uma verdadeira praça de guerra"

A ordem dos acontecimentos é bastante conhecida, mas parte das novas gerações não sabe em detalhes o encadeamento dos fatos naquele dia 30 de novembro de 1979. Depois que o presidente João Baptista Figueiredo assinou atos oficiais no Palácio do Governo, veio à sacada ao lado do governador Jorge Konder Bornhausen e acenou para o público. Surgiram as primeiras palavras de ordem, gritos de "fascista" e faixas que diziam "chega de sofrer, o povo quer comer" e "chega de canhão, o povo quer feijão". O presidente fez um gesto sugerindo que os protestos envolviam pouca gente em relação ao conjunto dos presentes, o que foi interpretado como uma ofensa – como se ele tivesse juntado o polegar e o indicador quando levantou a mão em direção aos manifestantes.

Ao mesmo tempo, a placa em homenagem a Floriano Peixoto era arrancada da praça, acirrando os ânimos que já haviam sido inflados pelos estudantes que comandavam a manifestação. Houve reação da polícia e a tensão

recrudesciu. Eram empurrões, altercações, pedras e objetos arremessados em direção ao palácio – a situação começava a fugir do controle. O jornal "O Estado" publicou que a escaramuça que se seguiu "transformou o centro da cidade numa verdadeira praça de guerra". O presidente, sentindo-se ofendido pelos manifestantes, resolveu descer, alegando que não admitia xingamentos à sua mãe.

Ele foi contido, mas desvencilhou-se dos seguranças. No entanto, percebeu que não poderia enfrentar a multidão – calcula-se que cinco mil pessoas estavam na praça e ruas próximas naquele momento. Quando a comitiva se dirigiu ao Ponto Chic, no calçadão da rua Felipe Schmidt, os estudantes, então isolados pelo esquema de segurança, deram a volta pela rua Trajano e encostaram novamente nas autoridades. O ministro das Minas e Energia, Cesar Cals, foi agredido e alguns membros da equipe de governo acabaram dentro de uma loja, empurrados pelos manifestantes.

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
Especial para o ND

Com o comércio fechado e as autoridades a caminho de Palhoça, onde houve um churrasco para centenas de convidados, os tumultos da Novembrada prosseguiram até perto das 16h no centro da cidade. Os estudantes ainda tiveram tempo de danificar alguns carros de autoridades e a Polícia Militar tomou a bolsa e a máquina do fotógrafo Ezequiel Tiskosk, do "Jornal da Semana". O jornalista Moacir Loth foi agredido na frente do Palácio e acabou internado no Hospital de Caridade. Ele e outros profissionais do "Jornal de Santa Catarina" acabaram mandando o material não aproveitado para veículos de outras regiões do Brasil. "O jornal publicou textos deturpados e cumprimentou a PM, dizendo que ela realizou um 'trabalho exemplar'", conta o repórter.

O cenário político e econômico do país era delicado, com os preços em alta e uma insatisfação crescente com a demora da abertura prometida pelos militares. Ao mesmo tempo, a Lei da Anistia, aprovada em agosto de 1979, sugeria que a distensão viera para ficar. Aquele também foi o ano da volta do exilado Leonel Brizola ao país, do fim do bipartidarismo e das primeiras greves no ABC paulista, onde despontava a figura do metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva. A UNE saíra da clandestinidade, mas a esquerda – especialmente nas universidades – era um emaranhado de tendências no qual ninguém se entendia, mas que tinha como bandeira comum a defesa da soberania nacional.

Havia um temor de convulsão social, motivo de alerta tomado público pelo MDB e PDT, que denunciaram em nota a "ilegitimidade do poder central". O ex-presidente Jânio Quadros e o deputado paulista Adhemar de Barros manifestaram preocupação com o risco de caos institucional. O regime queria eleições indiretas para a presidência da República, quando os militares sassem de cena, mas o episódio de Florianópolis uniu as forças de oposição em torno da proposta das Diretas-já, que ganhou as ruas do país e terminou em frustração, em 1984, quando o Congresso Nacional reprovou a proposta.

Com a prisão dos estudantes Adolfo Luiz Dias, Rosângela Koerich de Souza, Geraldo Barbosa, Marize Lippel, Newton Vasconcelos Jr., Lúgia Giovanella e Amilton Alexandre, o Mosquito, depois enquadrados na Lei de Segurança Nacional, os protestos voltaram a agitar o Centro de Florianópolis nos dias que se seguiram aos embates de 30 de novembro.



JAMES TANARES/Divulgação/ND



Autoridades federais e estaduais dentro do Ponto Chic em 30 de novembro de 1979 e a multidão do lado de fora

➤ Leia mais na **PÁGINA 6**

Cenário político e econômico era delicado, com os preços em alta e uma insatisfação crescente pelo país

O ANO DA ANISTIA e da volta de Brizola

Dilemas da época ainda estão presentes

REPRODUÇÃO/ND



Reportagem destacou a batalha no Centro da cidade, que envolveu "o presidente e seus ministros em plena 'rampa' do Senadinho"

Figueiredo decidiu enfrentar a multidão, mas os protestos só aumentaram

Em intervenção feita esta semana na Câmara Municipal, quando os estudantes e outros atores da Novembrada foram homenageados pelos vereadores, Rosângela Koerich, conhecida como Lele, contou que foi acordada às 6h da manhã do dia 2 de dezembro de 1979, um domingo, por três policiais federais que a levaram para o Cadeião do Estreito. Marize Lippel, então com 18 anos, ficou

sob a mira de uma metralhadora. Lúgia Giovanella e Adolfo Dias decidiram fugir, mas também foram apanhados e ficaram 13 dias presos, até que um processo militar os enquadrasse na Lei de Segurança Nacional. O grupo ganhou liberdade provisória, mas só foi absolvido definitivamente em fevereiro de 1981.

Rosângela disse que os estudantes não haviam programado uma manifestação tão ostensiva, mas que as circunstâncias levaram à radicalização que todos testemunharam. "Era uma

luta pela igualdade, liberdade e melhor divisão de renda no país", afirmou. Os jovens estavam divididos quanto à estratégia de ação naquele dia, e o próprio Diretório Central dos Estudantes (DCE/UFSC) foi contra o ato de protesto verbal e com faixas na praça central da cidade. Ainda na militância, Rosângela disse que faria tudo de novo e que as lutas de 40 anos atrás se justificam ainda hoje, porque a questão da renda, por exemplo, está longe de ser resolvida.

Dois dos sete estudantes – Adolfo Dias e Amilton Alexandre – já morreram, e os demais continuam envolvidos com questões da política, militando. Um deles, Geraldo Barbosa, também homenageado pela Câmara de Vereadores, lamenta que o desenvolvimento econômico das últimas décadas não tenha reduzido as desigualdades no país. Para o professor universitário aposentado Remy Fontana, que acompanhou a defesa dos estudantes presos no tribunal de Curitiba, àquela altura o regime "já estava sem legitimidade e carente de apoio político". "A Novembrada foi um marco de protagonismo da população de Florianópolis", afirma.

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
Especial para o ND

Um dos estopins dos protestos, peça de bronze em homenagem a **Floriano Peixoto** ficou guardada por **30 anos** em uma casa no Centro da Capital

Testemunha privilegiada do episódio da Novembro, o coronel Nilo Marques de Medeiros Filho, 78 anos, era major e auxiliava o chefe da Casa Militar do governo Jorge Bornhausen quando eclodiram os protestos de 30 de novembro de 1979. Ele foi um dos militares que recepcionaram a comitiva presidencial no aeroporto e garante que nem lá, nem no trajeto até o centro, notou qualquer sinal de que uma tormenta estava por vir. Também não havia informações sobre o descerramento de uma placa em tributo a Floriano Peixoto, que teria sido um dos estopins das manifestações. Esta placa ficou guardada durante 30 anos no sótão de sua casa, na rua Major Costa, na Capital.

SEM OFENSAS

O coronel conta que também foi tranquila a chegada da comitiva no Palácio do Governo. O presidente passou a tropa em revista e assistiu às cerimônias formais, enquanto os estudantes se agitavam, próximo à Catedral Metropolitana. Quando eles se postaram em frente ao prédio histórico, começaram as ofensas, e Figueiredo perguntou ao governador: "Onde está a safada?" Foi contido, mas desceu e viu folhas de papel sendo jogadas no rosto. Agentes de segurança e PMs deram um jeito de afastar os manifestantes, mas os xingamentos e palavras de ordem irritaram o presidente. "Lembro de sua voz dizendo que não aceitava as ofensas feitas à sua mãe", conta Nilo.

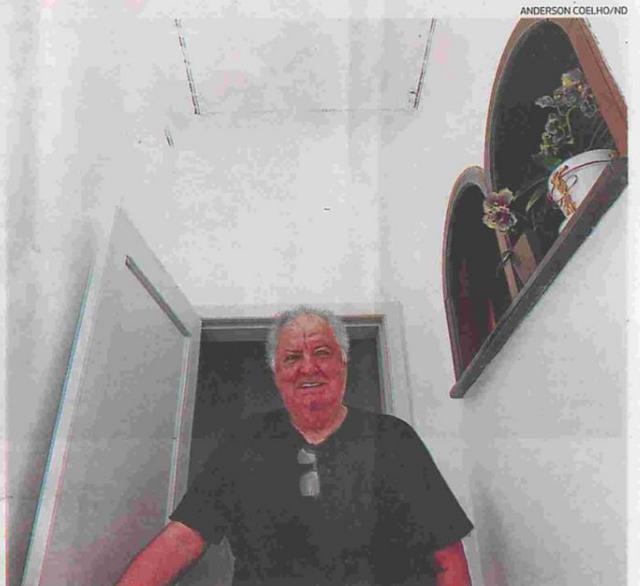
Depois que passou o momento mais tenso, a comitiva de autoridades dirigiu-se ao

Ponto Chic, enquanto o major Nilo de Medeiros Filho foi destacado para esvaziar e fechar as portas do Palácio. Quando tudo parecia refluir, um estrondo chamou a atenção do militar: a placa com a homenagem a Floriano fora jogada contra o prédio. Ele abriu a ponta principal e juntou a placa, torta e ainda quente depois de ser colocada sobre uma fogueira de papel perto da rua Felipe Schmidt.

A placa ficou numa gaveta do Palácio até que o major, preocupado com os riscos de sumiço, pediu autorização para guardá-la em casa. "É um documento de nossa história", justifica-se ao dizer porque fez isso. De vez em quando, algum jornal perguntava, em letras garrafais: "Onde andará a placa de Floriano?" Quando surgiu um movimento em defesa da mudança do nome da cidade, Nilo levou a placa para a UFSC, pondo fim ao mistério. Depois, ela foi para a Casa da Memória, vinculada à Fundação Franklin Cascaes, da prefeitura de Florianópolis, e agora se encontra novamente no Palácio Cruz e Sousa. "Também acho injusto homenagearem a cidade com o nome de Floriano", afirma o coronel. "Ela era conhecido como corta-cabeças".

A placa da discórdia e **SEU PROTETOR**

O coronel Nilo de Medeiros Filho foi o guardião da homenagem a Floriano no sótão de sua casa por três décadas



Ousadia reconhecida fora do Estado

Outro florianopolitano que se viu enredado nas manifestações, mesmo sem ter participado delas, foi o jornalista Manoel Timóteo de Oliveira Neto, então funcionário da EBN (Empresa Brasileira de Notícias), depois Agência Nacional. Ele recepcionou os profissionais da empresa que vieram de Brasília para cobrir a visita presidencial e também Marco Antonio Kremmer, secretário de imprensa da Presidência da República. Todos foram jantar na Lagoa da Conceição na véspera dos confrontos, e no dia 30 de novembro se surpreenderam com o tom belicoso dos populares, a começar pelos estudantes que se aglomeravam perto da Catedral.

Ainda portando a credencial nº 161 da Presidência para acompanhar a visita, Manoel conta que a cidade estava cheia de policiais federais e que o clima permaneceu tenso mesmo depois que o presidente Figueiredo embarcou de volta para a capital federal. Um dos episódios engraçados daquele dia foi que o fotógrafo Paulo Dutra comprou

— fiado! — uma gravata na alfaiataria da esquina próxima ao Palácio para poder trabalhar. Depois, ele sumiu com os filmes das imagens que fez, deixando os editores Luiz Henrique Tancredo e Salim Miguel furiosos. O jornalista também recorda que era abordado com efusão em eventos fora do Estado — todos queriam parabenizar os catarinenses pela ousadia de afrontar a principal autoridade da República.

Professora de História, dona Neide Monteiro de Castro Silvestre era estudante na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFSC em 1979, quando ocorreu a Novembro. Ela chegou ao centro da cidade na hora em que os ânimos começavam a se exaltar e acha que os manifestantes se excederam no tom das faixas e palavras contra o presidente. Colega de Adolfo Dias, um dos presos pela Polícia Federal, Neide diz que o momento era correto para demonstrar a insatisfação, mas que "bastava protestar, sem chegar a extremos".

DIVULGAÇÃO/ND



O jornalista Manoel Timóteo de Oliveira Neto guarda até hoje a credencial que usou para fazer a cobertura da visita presidencial

Notícias do Dia Inspira

“Da garagem ao mercado nacional em 20 anos”

Da garagem ao mercado nacional em 20 anos / TI / Saúde / Startups / Making Tecnologia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Incubação / Celta / Centro Empresarial para a Laboração de Tecnologias Avançadas / Fundação Certi



Com equipe enxuta, a Making atende 30 clientes Brasil afora com soluções de TI para área de saúde

COMO DESENVOLVEDORA DE SISTEMAS, A MAKING TECNOLOGIA, DE FLORIANÓPOLIS, ENCONTROU UM NICHU NO MERCADO DE SAÚDE E CRESCE EM MÉDIA 15% AO ANO

DA GARAGEM AO MERCADO NACIONAL EM 20 ANOS

O mercado de saúde do Brasil movimentava anualmente mais de US\$ 42 milhões em cuidados no setor privado, o que coloca o país na sétima colocação mundial e na liderança na América Latina. Esse potencial, somado à carência de novos produtos e serviços de tecnologia para esse mercado, tem gerado centenas de novas empresas que buscam soluções de TI, as healthtechs. Segundo a ABStartups (Associação Brasileira de Startups), são 353 negócios inovadores que atuam na área de saúde no país.

Mas muito antes da explosão das startups dedicadas a este setor, surgia em Florianópolis, há exatos 20 anos, uma empresa que desenvolveu um dos primeiros sistemas de gestão voltado às demandas de instituições como hospitais, clínicas e operadoras de saúde. A Making Tecnologia começou em 1999, na garagem da casa de um de seus fundadores, o cientista da computação Juliano Richter Pires.

Hoje, a Making é referência para grandes players do setor de saúde, atendendo 30 clientes em todo o Brasil, com 20 colaboradores. Nos últimos quatro anos, praticamente dobrou o faturamento, comenta o diretor administrativo-financeiro Gabriel Richter Pires, sócio e irmão do fundador.

A empresa começou com foco em desenvolvimento de softwares e sistemas diversos, logo após Juliano

se formar no curso de ciências da computação. O primeiro escritório foi a garagem da casa onde ele morava, no bairro Carvoeira, perto da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), em Florianópolis. No ano seguinte, foi aprovada no processo de incubação do Celta (Centro Empresarial para a Laboração de Tecnologias Avançadas), incubadora da Fundação Certi, ligada à UFSC e que é o celeiro de algumas das mais importantes empresas de TI de Santa Catarina - com isso, a Making se mudou para o Parque Tecnológico Alfa, onde está até hoje.



Integração de rotinas de empresas é feito por meio de software feito sob medida



Por Fabrício Rodrigues

Jornalista, fundador do portal SC Inova
www.scinova.com.br

OPORTUNIDADE PARA CRIAR UM SISTEMA SOB MEDIDA

Em 2002, a empresa - que ainda atendia demandas para vários mercados, sem uma segmentação específica - começou a desenvolver um sistema interno para gestão da Irmandade Nosso Senhor do Passos, que administra o Hospital de Caridade. Naquela época, toda a auditoria de contas médicas das operadoras com a instituição e prestadores de serviço (médicos, clínicas etc.) era feita no papel, sem integração digital alguma, o que demandava muito tempo para conferência e era passível de erros diversos.

Foi a oportunidade para criar um sistema sob medida que pudesse resolver o problema não só do cliente, mas de várias outras empresas que atuam no setor de saúde e que precisavam integrar documentos e rotinas. Em 2005, foi lançado o Making GW, um software de gestão voltado a auditorias de contas médicas para operadoras. O primeiro cliente foi a Unimed da Grande Florianópolis, que validou a primeira versão e que até hoje utiliza o sistema.

A partir de 2015, ao utilizar por meio de parceria do Sebrae Santa Catarina a solução de vendas complexas fornecida pela startup Exact Sales, o volume de clientes cresceu de 15 para 25 em poucos anos e, agora em 2019, chegou à marca de 30. Como explica Gabriel, "no nosso mercado, o ciclo de venda é longo, pode levar de nove meses a um ano do processo de prospecção até o fechamento de uma venda".

Nos últimos cinco anos, a Making Tecnologia tem crescido entre 15% a 20% por ano, uma expansão que hoje se traduz em números como: mais de 15 mil usuários no sistema, mil cidades atendidas e mais de R\$ 3 bilhões em valores transacionados pela plataforma.

Notícias do Dia Inspira "Um até breve da telinha"

Um até breve da telinha / Maria Odete Onório Olsen / Programa Educação e Cidadania / Curso de Ciências Sociais / UFSC

ND NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO, 30 DE NOVEMBRO, E DOMINGO,
1 DE DEZEMBRO DE 2019

DEPOIS DE 20 ANOS, JORNALISTA MARIA ODETE OLSEN ENCERRA PROGRAMA EDUCAÇÃO E CIDADANIA, DETERMINADA A SEGUIR OUTROS CAMINHOS NA BEM-SUCEDIDA CARREIRA

ROSANA RITTA
rosana.ritta@noticiasodia.com.br

"Por uma decisão de vida dessa jornalista, seguida de uma imensa necessidade pessoal de renovação." Assim, Maria Odete Onório Olsen justifica sua saída de cena da telinha por onde ao longo de 20 anos foi produtora, editora e apresentadora do programa Educação e Cidadania.

O programa, que vai ao ar aos sábados, pela Record News, se tornou uma espécie de referência em Santa Catarina ao abordar temas como educação, cultura e inovação.

Além da necessidade de mudança e de se dedicar a outros projetos pessoais, a jornalista lembra que o momento é de contenção para a grande maioria dos segmentos que a apoiou, e de verdadeira crise para outros. Assim, a profissional, que tem uma bem-sucedida carreira de 40 anos de televisão, optou por encerrar o projeto que completou 20 anos em maio.

A decisão não foi fácil, mas ela acredita que é o melhor momento para encerrar o projeto que sempre foi sucesso. Sair do primeiro plano à frente da telinha não significa que ela vai abandonar projetos e sonhos.

Com quatro livros publicados e vários em gestação, recentemente empossada como integrante da Adelit (Academia Desterrense de Letras), ela pretende se dedicar com mais afinco à academia. Os planos também incluem umas belas férias, viagens e fazer documentário no curso de cinema da Unisul.

Em meio a muita emoção, Maria Odete se despediu da equipe da Record News na quinta-feira, quando gravou o último programa, que vai ao ar neste sábado, às 12h30 e às 22h45, com reprises da RICTV. Porém, o programa continua na grade de programação da emissora até fim de dezembro, com edições especiais resgatando os melhores momentos, com destaque em especial ao seu maior patrocinador, o Senac.

Um até breve da telinha

DIVULGAÇÃO:ND



Maria Odete Olsen recebe flores na despedida dos colegas: momento de reconhecimento, agradecimento e emoção na gravação do último programa Educação e Cidadania

UM ENCONTRO DEFINIU SEU DESTINO

Em um passeio pelo Beiramar Shopping, o destino encaminhou Maria Odete para o seu maior sucesso. Em encontro com o jornalista Ariel Bottaro Filho, já falecido, recorda que ele disse que ela não poderia ficar longe da televisão e ofereceu um programa no SBT, que na época estava sob direção do hoje presidente do

Grupo RIC, Marcelo Petrelli. O programa era chamado SC 2000 e tinha patrocínio da Fiesc. "Lá, conheci a jornalista Scheila Freiner, que atuava como repórter. Um ano depois, ela participou da criação do Educação e Cidadania, onde ficou por quatro anos. Essa foi a ideia original", recorda a jornalista.

SAÍDA HARMONIOSA E ESTUDO

Maria Odete também faz questão de registrar que sua saída foi em comum acordo com a direção da emissora de televisão. "É uma proposta viável, mas exige dedicação extrema. E depois de 20 anos da mais absoluta dedicação, resolvi sair para renovar-me."

A jornalista ficou conhecida ao apresentar o noticiário do meio-dia em outra emissora de televisão. Demitida depois de longo período, deu a volta por cima dedicando-se aos estudos, projeto "congelado" justamente por causa do trabalho. E isso incluía a universidade, pois havia trancado matrícula no curso de ciências sociais na UFSC.

Ela recorda que retornar aos estudos foi a melhor coisa que fez na vida. Estudar com professores que classifica como maravilhosos e que conheciam sua história foi uma espécie de terapia, um mergulho nas ciências sociais e na antropologia.

CRATIVIDADE PARA FALAR DE EDUCAÇÃO

O desafio maior foi fazer um programa que falasse de educação e de cidadania não como "assuntos de sala de aula, colégio", mas que mostrasse que a temática está em praticamente tudo que envolve o ser humano na sociedade, seja na cultura, na escola, no empreendedorismo, na segurança, um processo que foi se aprimorando com o próprio amadurecimento na área.

Ela faz questão de reconhecer o primeiro patrocinador, o professor e presidente do Sinepe, José Zinder, que apoiou

o projeto até sua aposentadoria. Grandes colégios e faculdades de Florianópolis também foram patrocinadores do programa, como Colégio Catarinense, Bom Jesus, Fiesc, Cesusc, e em especial o Senac, que em 20 anos de história do programa, por 17 foi patrocinador.

PRÊMIO ADVB

Com o Educação e Cidadania, a Record News recebeu em 2017 o prêmio da ADSVB-SC (Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil) na

categoria Desenvolvimento Cultural do Prêmio Empresa Cidadã.

Em texto do escritor Mário Xavier para a cerimônia, ele relembrou a trajetória acadêmica e profissional da jornalista nascida em Blumenau, em 21 de dezembro de 1953, e mãe de Charlie e Michelle. E a primeira menção honrosa conquistada, quando ainda era estudante de biologia, no "Jornal Acadêmico", despertou a veia comunicadora que a transformaria na apresentadora de sucesso.

Notícias do Dia
Laudelino José Sardá
“E se eu fosse o Duque da Ilha”

E se eu fosse o Duque da Ilha / Palácio da Bocaiúva / UFSC / Laudelino José Sardá

LAUDELINO JOSÉ SARDÁ
É utopia, mas as propostas são viáveis
PÁGINA 12

LAUDELINO JOSÉ SARDÁ

l.sarda@unisol.br



E SE EU FOSSE O DUQUE DA ILHA?

No trono de chefe do ducado de Catarina, na Ilha dos Carijós, eu já teria dissolvido a Câmara Municipal e convocado novas eleições, promovendo, antes, uma campanha para os manezinhos votarem apenas em gente desinfectada, desengordurada, sem a gravata de inquilino de poder famélico. O parlamento teria um plenário e uma sala para quatro assessores técnicos. Só! Os edis perderiam, além do gabinete, seus aduladores remunerados. Cairia por terra o ato do marechal Castelo, que instituiu ordenado aos que hoje tomaram, em menos de três décadas, o legislativo em um trapiche, que avança e polui o pélogo eleitoreiro.

Nos 480 km² da ilha, haveria uma lipoaspiração em nome da sua humanização. Não sobraria espaço para a inflação de repartições públicas, e até Moisés teria de ir para o Continente com seu batalhão, deixando o Palácio da Agrônômica para o duque governar a terra mansa das artes, do esporte, da educação, da tecnologia e do crescimento econômico sustentável.

O palácio da Bocaiúva, onde a UFSC funcionou até meados dos anos 1960, se transformaria no museu das bruxas e boitatás, e a economia da cidade, com a extinção dos 42 órgãos municipais, reduzidos a três organizações de planejamento e execução, ensinaria

investimento em um sistema de traslado urbano, inspirando-se no modelo do Grão-Ducado de Luxemburgo, com metrô moderníssimo e gratuito.

Todas as ruas principais, inclusive dos bairros e balneários, seriam dotadas de cicloviárias e passeios. Aos carros, menos espaço. Grande parte da população passaria a pedalar e a caminhar. Os morros e os acessos às praias, rios, lagoas e às cachoeiras estariam dotados de trilhas e passeios, para estimular a atividade física do ilhéu e o turismo no ano inteiro. Placas de energia solar espalhadas na Ilha multiplicariam a iluminação pública. Os bolsões de pobreza seriam humanizados, e cooperativas estimulariam a criatividade no trabalho e desenvolvimento de negócios.

É utopia? O ducado sim, mas as propostas são viáveis, desde que se pense no ser humano em primeiro lugar.

Todas as ruas principais, inclusive dos bairros e balneários, seriam dotadas de cicloviárias e passeios. Aos carros, menos espaço. Grande parte da população passaria a pedalar e a caminhar”.

AN Revista Claudio Loetz

“Décio da Silva: ‘O líder deve ter visão de futuro’”

Décio da Silva: ‘O líder deve ter visão de futuro’ / Grades entrevistas /
Engenheiro Mecânico / Formado pela UFSC / Universidade Federal de Santa
Catarina



CLAUDIO LOETZ

claudio.loetz@somosnsc.com.br
nscstotal.com.br/colunistas/loetz



Décio da Silva: “O líder deve ter **visão de futuro**”

GRANDES ENTREVISTAS

Décio da Silva nasceu em Jaraguá do Sul, em 1956. É técnico mecânico formado pela Escola Técnica Tupy (Joinville), engenheiro mecânico pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e administrador de empresas pela Esag/Furj. Iniciou a carreira profissional na WEG, em 1979, na área de engenharia da qualidade, passou por diversos cargos na área industrial, comercial, chegando à presidência da companhia em 1989. Exerceu o cargo de presidente durante 18 anos. Em janeiro de 2008 assumiu o cargo de presidente do Conselho de Administração do Grupo WEG. Foi também conselheiro da BRF, Iochpe, Algar, Tectis e Celesc, além de diversas entidades empresariais e instituições filantrópicas. Atualmente ocupa os cargos de presidente do Conselho de Administração da WPA, presidente do Conselho de Administração da WEG, presidente do Conselho de Administração da Oxford, membro do Conselho de Administração da Tigre, do Conselho Consultivo da Havan e do Conselho Curador da Fundação Certi.



Esta entrevista exclusiva do presidente do Conselho de Administração da WEG, Décio da Silva, encerra a série de 20 grandes entrevistas com algumas das principais lideranças empresariais de Joinville e da região Norte de Santa Catarina que marcam os 20 anos da coluna. Décio ensina que as oportunidades de negócios estão alinhadas com as tendências de futuro. Afirma que as empresas que

nunca mudam não abrem espaço à inovação e adverte: subestimar os riscos pode levar à falência.

O que é liderança? Quais devem ser as características que um líder deve ter?

Um líder precisa sonhar grande, deve ter visão de futuro e planos para atingi-los. Precisa ser coerente, alinhar o discurso

com a prática. Saber ouvir e ter humildade para aprender continuamente. Precisa ser apaixonado pelo que faz e conseguir contagiar toda a equipe, isso gera comprometimento, um dos fatores chaves para atingir os resultados.

O que aprendeu ao empreender?
Naturalmente muitos empreendedores têm habilidades natas, outros



Veja mais
detalhes em
nscstotal.com.br



Uma boa formação acadêmica hoje é condição *sine qua non* para os jovens. Costumo dizer que a carreira de um empresário é basicamente 5% de inspiração e 95% de transpiração.

precisam desenvolver, o que é absolutamente possível ao longo da carreira. O exercício prático, a construção do projeto e o caminho percorrido no dia a dia são fundamentais para o desenvolvimento da capacidade de empreender.

O que precisa acontecer para um jovem se transformar em um empresário de sucesso?

Uma boa formação acadêmica hoje é condição *sine qua non* para os jovens. No passado isso não era mandatório. Muitos empresários se destacaram por habilidades natas, mas hoje a realidade empresarial exige capacitação adequada. Importante lembrar que isso é necessário, mas não é o suficiente. Para se tornar um empresário de sucesso, é preciso disciplina, resiliência e principalmente trabalhar duro. Costumo dizer que a carreira de um empresário é basicamente 5% de inspiração e 95% de transpiração. Quanto mais cedo os jovens tiverem contato com as atividades práticas, mesmo enquanto estudantes, mais rápido será o processo de amadurecimento e aprendizado empresarial.

O que um empresário não deve fazer? O que dá errado?

Uma empresa não pode não mudar nunca, mas também não pode mudar continuamente as lideranças. É preciso ter um equilíbrio. É fundamental ter um plano de sucessão para todos os cargos. Empresas que não mudam nunca têm pouco espaço para inovação. Empresas que mudam sempre não dão tempo para a curva de aprendizagem e nem para sedimentar a cultura empresarial. Outro ponto importante: é preciso avaliar continuamente todos os riscos internos da organização e externos, que podem afetar o planejamento. Normalmente as companhias entram em dificuldades ou quebram por gestores subestimarem os riscos.

Quais são as oportunidades que não se deve desperdiçar nos negócios?

São as oportunidades alinhadas com as tendências do futuro. Aqui na WEG inovamos permanentemente em todas as áreas e incorporamos todos os anos em nosso portfólio novos produtos e negócios. Nosso percentual do faturamento com



Décio: empresas que nunca mudam lideranças têm pouco espaço para inovar; as que mudam sempre não dão tempo para a curva de aprendizagem

produtos lançados nos últimos cinco anos (índice de inovação tecnológica) tem sido mantido em torno de 50%, variando pouco para cima ou para baixo, dependendo da nova linha de produto introduzida no mercado. O indicador mostra a vitalidade da empresa. Estamos apostando nas grandes tendências relacionadas a energias renováveis, eficiência energética, geração de energia através da queima do lixo, mobilidade elétrica e indústria 4.0. Temos metas desafiadoras de crescimento para todos os negócios. Estamos sempre olhando lá na frente.

É possível planejar o sucesso?

O sucesso depende muito do que isso significa para cada organização. No mundo de hoje o investidor cobra não só o crescimento da receita, do lucro ou do valor patrimonial e de mercado da empresa, mas também a capacidade de gerar valor para os demais *stakeholders*: colaboradores, comunidade, meio ambiente, clientes e fornecedores. Para conquistar tudo isso, é necessário muito planejamento, esforço, dedicação, abdicar e, por que não, sorte também. Afinal, quando você está no lugar certo e na hora certa, você é uma pessoa de sorte, não é?

Qual foi o maior acerto?

Em primeiro lugar, sempre ouvir as pessoas mais experientes do que eu, e considerar a opinião delas. Depois, construir uma equipe com pessoas capacitadas e motivadas com o projeto. Em terceiro lugar, considero o tripé: internacionaliza-

ção, crescimento continuado e desenvolvimento de tecnologia e novos produtos. Estes três fatores impulsionam a companhia a gerar cada vez mais valor ao acionista e cada vez mais oportunidades para as pessoas. Só quem cresce gera oportunidade. E oportunidade hoje é o maior fator de motivação para as pessoas. Quem vai querer trabalhar numa empresa que tem que esperar o chefe sair ou se aposentar para ser promovido?

E qual foi o maior erro?

Apesar do crescimento médio da WEG ter sido superior a 20% ao ano durante os 18 anos em que estive na presidência, hoje, quando olho para trás, penso que poderíamos ter tido um equilíbrio melhor entre oportunidades e riscos. Poderíamos ter crescido mais.

Quem você considera como guru?

Tive o privilégio de ter três grandes gurus: Werner (Voigt), Eggon João da Silva e Geraldo Werninghaus – os três fundadores da WEG. Com eles, aprendi que o mercado é muito competitivo, os desafios são grandes e exigem muito esforço conjunto. Não podemos desperdiçar energia com diferenças pessoais, egos ou qualquer outra coisa que tire a harmonia da organização e a atenção do negócio. Discussões e divergências são necessárias e saudáveis, desde que o debate aconteça no campo das ideias, onde o objetivo seja sempre em favor do crescimento da companhia.

Qual é a importância do associativismo para a evolução dos negócios?

O associativismo é relevante tanto para aglutinar forças na luta por interesses comuns da sociedade, quanto para a construção de relacionamentos no mundo dos negócios e enriquecimento do capital intelectual. Questões de infraestrutura, melhorias nos serviços de saúde e educação são reivindicações de interesse comum, que podem ser potencializadas quando discutidas em grupo.

Na essência, o que mudou no pensamento e na prática ao longo dos últimos 20 anos?

Mudou o meu entendimento sobre a velocidade acelerada com que estão ocorrendo as mudanças tecnológicas e a transformação dos hábitos dos consumidores.

Qual é o livro inspirador?

Invisto muito tempo na leitura de relatórios e conteúdo dos negócios e de tecnologias relacionadas aos setores em que estamos envolvidos. Livros, gosto de diversificar. Não tenho um específico, leio livros de negócios, romances e biografias.



Quem vai querer trabalhar numa empresa que tem que esperar o chefe sair ou se aposentar para ser promovido?

DC Revista e AN Revista Política "40 anos da novembrada"

40 anos da novembrada / DCE / Diretório Central dos Estudantes / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina / Moacir Loth / União Nacional de
Estudantes

>> POLÍTICA | HISTÓRIA

40 ANOS DA NOVEMBRA DA

Há quatro décadas, o Centro de Florianópolis era palco de uma revolta popular que ajudou a marcar a transição democrática e reabertura política do país

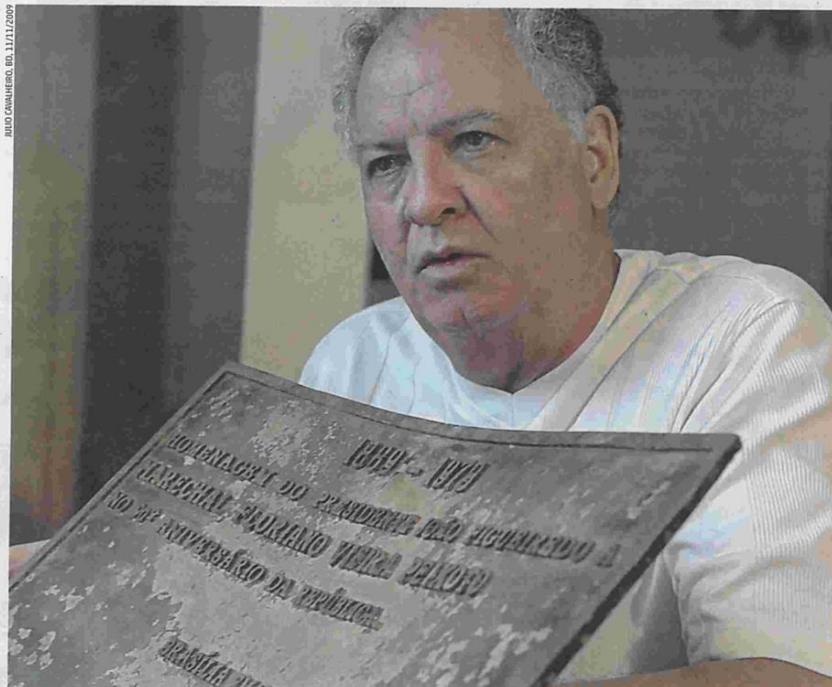
ÂNGELA BASTOS

angela.bastos@somosnsc.com.br

Novembrada, assim ficou conhecida a manifestação ocorrida em Florianópolis, no dia 30 de novembro de 1979. Quatro décadas depois daquela sexta-feira, o ato é considerado o maior e o mais significativo protesto político registrado na Capital do Estado. Tendo como um dos palcos a Praça XV de Novembro, a revolta popular é interpretada como um basta ao regime de exceção da ditadura civil-militar, um dos momentos decisivos para a transição democrática e para a reabertura política que o país faria anos depois.

Apesar de ser um período mais democrático, a realidade da época ainda era nebulosa. Os brasileiros se ressentiam do regime militar, de casos ocorridos no governo de Emílio Garrastazu Médici, responsável por mortes como do jornalista Vladimir Herzog nos porões do DOI-CODI (Departamento de Operações de Informações - Centro de Operações Internas) em 1975, em São Paulo. Assim como caso do metalúrgico Manoel Fiel Filho que, em janeiro de 1976, foi preso por dois agentes do DOI-Codi, na fábrica onde trabalhava, sob a acusação de pertencer ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). No dia seguinte à prisão, os órgãos de segurança emitiram nota oficial afirmando que Manuel havia se enforcado na cela com as próprias meias. Porém, de acordo com colegas, quando preso, usava chinelo sem meias.

Acostumado a dizer que preferia o cheiro dos cavalos, o presidente general João Figueiredo sentiu a força dos manifestantes. Havia outros motivos para a insubordinação em Florianópolis. No livro Novembrada: Uma Revolta Popular, o jornalista Moacir Pereira lista algumas razões para que o protesto ganhasse tamanha proporção: "(...) o descontentamento popular com o reajuste de 58% nos preços da gasolina; a declaração do presidente João Figueiredo de que era preferível o cheiro do cavalo ao cheiro do povo; a extinção do MDB e Arena colando uma pá de cal no bipartidarismo por imposição do regime militar; o contraste e as dificuldades da população com o aumento do custo de vida; as despesas exageradas com a ostensiva recepção à comitiva presidencial; a manipulação política produzida pela massiva campanha".



Nilo Marques Medeiros Filho, militar da reserva, que trabalhou na Casa Civil no governo de Jorge Bornhausen, guardou em casa por muitos anos a placa retirada durante os protestos

Sinal de Figueiredo desencadeou reações

Na época, a sede do governo estadual era o Palácio Cruz e Sousa, e Santa Catarina governada por Jorge Bornhausen. O Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) organizou uma manifestação. Sob vaias e gritos, Figueiredo discursava na sacada, em frente à praça, quando, irritado, fez um suposto sinal de "OK" para os manifestantes. Porém, levou o dedo polegar ao encontro do indicador, dando outra conotação. A reação foi imediata: "cavalo", "fascista" e diversos palavrões.

Figueiredo, numa atitude inesperada, resolve descer da sacada do Palácio e cercado por seguranças se aproxima de parte dos manifestantes. Tem então início um tumulto com a polícia, que segue até o Ponto Chic, bar tradicional da cidade

atualmente fechado e com promessa de reabrir em breve, onde ele tomaria café. Na esquina do calçadão da Felipe Schmidt com a Deodoro, recebe o diploma de "Amigo do Senadinho", como popularmente o bar se tornou conhecido.

Seguido pelos manifestantes, Figueiredo volta a ser ofendido também por mais um motivo: ele havia feito uma homenagem ao Marechal Floriano Peixoto com uma placa que seria colocada num pedestal na Praça XV. Uma provocação, pois quando presidente, Floriano havia autorizado o fuzilamento de centenas de catarinenses na Fortaleza de Anhatomirim, no final do século XIX.

Pela "relevância do ato" a cidade deixou de se chamar Desterro e passou a se chamar Florianópolis.

 Acesse outros conteúdos em nscotal.com.br

Placa que foi arrancada por manifestantes ressurgiu em 1995

Durante a manifestação a placa em homenagem a Floriano Peixoto foi arrancada, aparecendo anos depois, pelas mãos de um policial militar que a guardou. Foi Nilo Marques de Medeiros Filho, coronel da Polícia Militar, hoje na reserva, e que na época era responsável pela segurança do palácio, que a guardou.

Nilo pegou a placa na frente do Palácio e a guardou na Casa Militar. Lá ficou até 1983, quando então, por precaução e temendo pelo destino daquela relíquia histórica o militar pediu para guardá-la em casa. Muitos a davam como desaparecida ou destruída até que em 1995 o paradeiro foi revelado. Nilo a apresentou durante um julgamento histórico sobre Floriano Peixoto promovido na UFSC. A peça foi uma espécie de prova de acusação.

O jornalista Moacir Loth era um jovem repórter de 21 anos no Jornal de Santa Catarina quando a Novembrada estourou. Chegou ao local depois que Figueiredo havia deixado o Palácio Cruz e Sousa.

– Minha cobertura foi sobre a batalha na Praça e ruas próximas, que começou pouco

antes do meio-dia e foi até a madrugada.

Durante o trabalho, Loth foi agredido por dois policiais militares. Teve uma luxação na perna, uma contusão na região dos rins e algumas escoriações. Por conta do ataque, Loth perdeu as anotações, devolvidas uma semana após. Não houve registro na polícia acerca da violência.

A Novembrada não teve só uma sexta-feira. Os desdobramentos continuaram dias depois, quando foi autorizada a prisão de sete estudantes reconhecidos através de fotos como sendo os responsáveis pela manifestação. As prisões estimularam mais dois atos, um exigindo a libertação dos presos e o segundo reivindicando que os estudantes não fossem enquadrados na Lei de Segurança Nacional. A manifestação foi em frente à Catedral Metropolitana e contou com a participação de representantes da União Nacional dos Estudantes, além de parlamentares e lideranças políticas locais e nacionais, em defesa das liberdades democráticas. Os estudantes foram liberados dias depois.



Foto: Moacir Loth

Registro de manifestantes com a placa que foi retirada de monumento na Praça XV

DC Revista e AN Revista Dagmara Spautz "Pesquisa na UFSC"

Pesquisa na UFSC / Iluminação / Centro de Pesquisa e Capacitação em Energia Solar / Universidade Federal de Santa Catarina / Baterias / Nissan Leaf / Parceria / Ricardo Rüter

PESQUISA NA UFSC

A iluminação sobre no pátio do Centro de Pesquisa e Capacitação em Energia Solar da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Sapiens Park, vem de postes que usam baterias usadas do carro elétrico Nissan Leaf. Uma parceria entre a marca e a UFSC está testando uma "segunda vida" para as baterias, que já não servem para os veículos depois de cinco anos de uso.

Os postes não têm fios e são acionados automaticamente, quando cai a tarde. Pela manhã, ao nascer do sol, apagam. A instalação foi feita no mês passado, e os pesquisadores da UFSC estão monitorando o funcionamento do sistema. Segundo o professor Ricardo Rüter, coordenador do Centro de Pesquisa, uma das propostas que já surgiram é para experimentar a tecnologia na Amazônia.

DC Revista e AN Revista Cultura & Comportamento "De Santa Catarina para o Oscar"

De Santa Catarina para o Oscar / Nina Kopko / Diretora-Assistente / Mariana Coelho / Produtora-Executiva / A Vida Invisível / Filme / Formada em Cinema / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

>> CULTURA & COMPORTAMENTO | CINEMA

DE SANTA CATARINA PARA O OSCAR

Conheça as catarinenses Nina Kopko e Mariana Coelho, diretora-assistente e produtora-executiva, de "A vida invisível", filme cotado para representar o Brasil no maior prêmio do cinema mundial

CAROLINA MARASCO

carolina.cunha@somosc.com.br

Verde da mata fechada misturado ao vermelho dos créditos iniciais já revelam o que o espectador de "A vida invisível" verá na tela: um filme cheio de brasilidade, mas duro, forte e intenso. Em uma sessão especial no Paradigma Cine Arte na última quarta-feira, as catarinenses Nina Kopko, diretora-assistente, e Mariana Coelho, produtora-executiva, debateram as escolhas da produção, falaram sobre as premiações e deixaram claro: o filme mostra a força das mulheres, silenciadas pelo machismo, para que a história seja cada vez mais transformada.

A transformação do livro com o mesmo nome, da escritora brasileira Martha Batalha, foi proposta por Nina. Ao devorar a história em apenas dois dias, ela sabia que tinha descoberto uma grande história para as telonas. A catarinense sugeriu a aquisição dos direitos de adaptação e viu a ideia transformar-se na aposta do Brasil ao Oscar. Desejo que ela carregava da época que saiu de Porto União, no Norte do Estado, para cursar cinema na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Quem também cruzou os corredores da universidade catarinense foi Mariana Coelho. Natural de Joinville, ela foi responsável por uma das funções mais duras da produção. Mariana executou a única atividade que, em levantamento da Agência Nacional do Cinema (Ancine), as mulheres aparecem em maior número que os homens, representando 39,7% das equipes exclusivas.

De acordo com o levantamento Diversidade de Gênero e Raça nos Longas-metragens Brasileiros Lançados em Salas de Exibição 2016, apenas 20% dos filmes naquele ano foram dirigidos por mulheres. Quando a participação feminina é analisada em outros cargos, os números são ainda menores. Como diretoras de fotografia, as brasileiras executaram apenas 7,7% das filmagens.

Este recorte de desigualdade de gênero no Brasil é o eixo central do filme. No Brasil da década de 1950, duas irmãs cariocas precisam lidar com a vontade de realizar os sonhos ao lado da pressão social por cumprirem os papéis determinados às mulhe-



A catarinense Nina Kopko (C) na assistência da gravação do filme *A Vida Invisível*, uma das possíveis indicações para concorrer ao Oscar

res: casar, ser mãe, obedecer aos homens da família. Desafios que ainda passam pela vida de muitas brasileiras.

– Se tivesse nascido algumas décadas antes eu possivelmente seria uma Eurídice, sufocando meus sonhos dentro um casamento e uma vida submissa, tal qual foram as histórias de várias mulheres da minha família – disse Nina.

Aos 32 anos, e com nove deles de experiência no audiovisual, a cineasta fala sobre como a diferença social entre gêneros influencia também o mercado do cinema.

– Não é à toa que se fizermos um apanhado da história geral do cinema, veremos que a maioria esmagadora são narrativas de personagens homens e brancos – analisa a cineasta.

A campanha pela indicação de "A vida invisível" ao Oscar ainda tem muitos episódios. O filme do diretor brasileiro Karim Ainouz venceu a mostra "Um centro olhar", a segunda mais importante do festival de Cannes, na França.

– Desde que ele esteve em Cannes é uma montanha-russa diária que a gente vive. A cada notícia que vem, a cada lista que a gente entra, cada comentário que a gente escuta... são quase oito meses de montanha-russa – comentou Mariana sobre a possibilidade do filme estar no Oscar.

A produção também é uma das indicadas na categoria Melhor Filme Internacional do Independent Spirit Awards, considerado como uma das mais confiáveis prévias para o Oscar. A premiação será em 8 de fevereiro do ano que vem.

DA LITERATURA PARA O CINEMA

Adaptado do livro de Martha Batalha com mesmo nome, o filme brasileiro possui grandes atores no elenco, como Carol Duarte (Eurídice), Julia Stocker (Guida) e Gregório Duvivier (Antenor). O papel de Eurídice na atualidade é da única brasileira indicada ao Oscar de Melhor Atriz, Fernanda Montenegro.



Saiba quais salas de cinema estão exibindo o filme em nscctotal.com.br

>> ENTREVISTA

NINA KOPKO E MARIANA COELHO, Cineastas

O PAPEL DAS MULHERES NO CINEMA E OS DESAFIOS NA PREPARAÇÃO DO ELENCO

A reportagem conversou com as duas cineastas catarinenses após a sessão especial no Paradigma Cine Arte na última quarta-feira. Confira a entrevista a seguir:

O filme mostra cartas escritas entre as irmãs. As atrizes escreveram estas cartas? Como foi essa parte da preparação do elenco?

Nina Kopko – Foi uma ideia que tive delas escreverem, elas começaram com um diário. Eu tinha que fazer duas mulheres que não se conheciam, se apaixonassem uma pela outra a ponto de uma não viver sem a outra. Então, o processo começava com elas escrevendo 10 eventos da vida para cada uma. Elas escreviam em casa e faziam uma improvisação daqueles momentos. Elas descobriam então, no corpo, os sentimentos de medo, de briga, de amor. E isso eu poderia acessar durante o set, durante os momentos de ausência de cada uma delas. Depois, elas escreviam as cartas. Como elas se separam, quando as atrizes se viam no set, elas queriam contar o que filmavam e eu cuidava que quando elas tivessem juntas, elas matassem essa saudade.

Como foi a relação com o diretor Karim Aïnouz, já que o filme tem toda essa potência feminina?

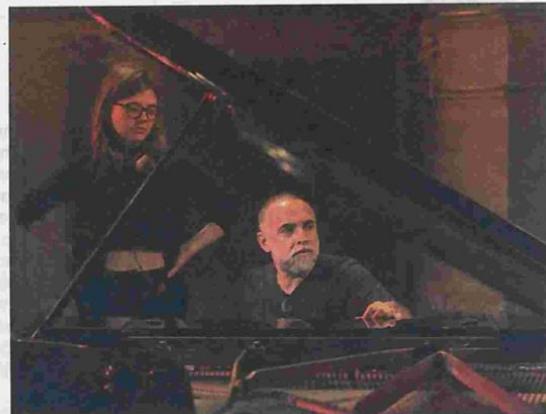
Nina – Ele ouve muito, ele ouve para questionar o que está fazendo. E eu provocava muito ele, e isso impactava muito. O filme foi muito cercado de mulheres, a gente tinha uma regra que entre dois profissionais, se um deles fosse mulher, sempre

ela seria escolhida. Mesmo que ela não tivesse experiência. Isso foi uma direttriz do Karim (Aïnouz, diretor do filme). Não é sobre ter um olhar feminino, porque não acredito nisso. Acho que existem olhares. Mas tem o olhar do meu lugar de mulher. E isso impacto em como ela vai filmar a cena de sexo, como será a relação com a atriz no momento de nudez.

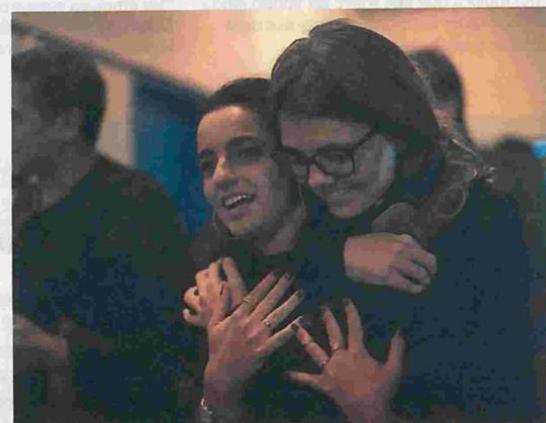
Mariana Coelho – É sempre muito difícil, por ser mulher, por ser mais nova. E nem me considero tão nova, tenho 31 anos. Mas a gente passa diretamente por esse processo, ainda mais dentro do cinema. Pensei que ia demorar um tempo para ele me escutar, imagina ele não vai me escutar. O mais genial é que ele estava muito aberto e ele tem muito disso. Qualquer pessoa que falar com ele, sobre qualquer processo do filme, ele vai sempre escutar.

Para muitas estudantes de cinema tudo que vocês estão vivendo parece distante: ter uma carreira de sucesso, ter um filme em Cannes e possivelmente no Oscar. O que vocês têm para dizer para as estudantes de cinema?

Mariana Coelho – Trabalhei muito durante a faculdade, mas tem um conselho que é muito valioso, que é assistir a muitos filmes. Além disso, tem aquela de bater na porta mesmo, pedir uma oportunidade, enfim. É impressionante como esse mundo de referências que você possui quando vê muitos filmes, estuda sobre, ele te leva a lugares. São conversas, são ideias que surgem, isso é muito válido.



Nina e o diretor Karim durante a análise de umas das cenas da produção



Julia Stockler (Guida) em um momento de troca com a diretora-assistente

DC Revista e AN Revista Capa e Trânsito

“Florianópolis na fila para resolver engarrafamentos”

Florianópolis na fila para resolver engarrafamentos / Mobilidade Urbana / Trânsito / Plamus / Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis / BRT / Bus Rapid Transit / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Conselho Metropolitano para o Desenvolvimento da Grande Florianópolis

(I)MOBILIDADE

Conheça bons exemplos que vêm de outros países para melhorar o trânsito em SC
PÁGINAS 32 e 33

>>REPORTAGEM | TRÂNSITO

FLORIANÓPOLIS NA FILA PARA RESOLVER ENGARRAFAMENTOS

Poucas alternativas para deslocamento e espaço reduzido para novos trajetos na Ilha são dificuldades apontadas na Capital. Confira cidades que apostaram em diferentes soluções e podem ser inspiração para a região



JEAN LAURINDO
jean.laurindo@somosc.com.br

Não importa o sentido: Norte, Sul, Leste ou Continente. Para onde se queira ir no horário de pico, o trânsito de Florianópolis costuma ser implacável com os congestionamentos. Se é sexta-feira, piora. Se chove, se acontece um acidente, a estimativa de chegada só aumenta.

Florianópolis foi escolhida a pior cidade do país para dirigir na pesquisa Waze Satisfaction Index, do aplicativo Waze, feita em 2017 com critérios como nível de trânsito, segurança e qualidade das vias e fator econômico e social. Em outubro deste ano, dado mais recente, sensores instalados na Ponte Pedro Ivo apontaram que em média 106 mil carros por dia entraram na Ilha. A frota do município já contabiliza 360,8 mil veículos emplacados, proporção de mais de um carro para cada dois habitantes.

A menos de um mês do verão, o risco de que congestionamentos ainda mais severos se repitam quando o maior volume de turistas estiver na cidade recoloca em discussão os problemas que envolvem a mobilidade de Florianópolis. O tema é complexo, mas para especialistas ouvidos pela reportagem alguns problemas se sobressaem. Um deles é a falta de alternativas para o transporte diário.

O doutor em Engenharia de Transportes José Leles de Souza afirma que as linhas de ônibus na cidade ainda não atingiram um grau de confiabilidade capaz de fazer as pessoas deixarem o automóvel em casa. De fato, números do Consórcio Fênix mostram que nos últimos cinco anos o sistema teve redução média de 2,8% no número de passageiros. Uma tentativa de fazer mais pessoas optarem pelo ônibus em vez do automóvel é a integração do transporte coletivo entre os municípios da Grande Florianópolis. Porém, ela ainda não está funcionando. (COLABORARAM LEONARDO THOMÉ E CLARISSA BATTISTELLA)

Toda vez que se demora um ano para resolver o problema, ele cresce 2%, 2,5%. A cada quatro anos sem investir em grandes projetos de mobilidade, estou acumulando 10% naquele problema que não resolvi.

ÂNGELO ARRUDA, do Comitê Metropolitano para o Desenvolvimento da Grande Florianópolis

Leia mais no NSC Total A reportagem da NSC recebeu depoimentos de moradores e percorreu percursos críticos como de Palhoça ao Centro e do Centro ao Norte da Ilha. Acesse o NSC Total (www.nscotal.com.br) e confira as reportagens e o vídeo das dificuldades enfrentadas nos trajetos.



No fim da tarde, é comum a cena de filas em pelo menos 10 pontos da capital catarinense

A preferência pelo carro e as limitações viárias

A limitação de alternativas contribui para que o carro continue sendo a principal opção de deslocamento. No Plano de Mobilidade Urbana Sustentável da Grande Florianópolis (Plamus), o transporte individual motorizado responde por 48% das viagens diárias na região. Em outras metrópoles brasileiras, esse mesmo transporte individual responde por 25% a 33% dos deslocamentos.

Comportar esses deslocamentos de carro esbarra em outra dificuldade da mobilidade da Capital: o espaço reduzido para grandes projetos e ampliações de rodovias e acessos aos bairros.

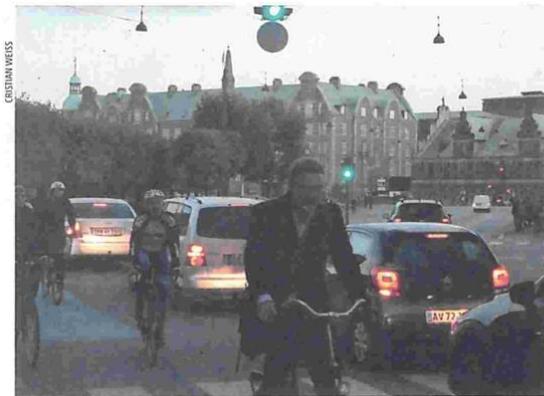
O arquiteto e urbanista Ângelo Marcos Arruda, coordenador do grupo de trabalho (GT) de Mobilidade do Comitê Metropolitano para o Desenvolvimento da Grande Florianópolis, aponta que a característica da Capital contribui para restringir as opções de deslocamento.

– Estamos em uma ilha, cuja acessibilidade central é por rodovias estaduais, avenidas

que cortam de Norte a Sul, de Leste a Oeste, ladeadas por morros, montanhas, água, córrego, mangue, muitas dificuldades para ocupar o espaço físico. O que significa dizer que sai todo mundo na mesma hora e deságua nesses lugares, com alta quantidade de veículos circulando – avalia.

Essa mesma limitação é o que torna difícil também, na visão dos especialistas, a adoção de corredores de ônibus. Essas faixas, já existentes em Blumenau por exemplo, diminuíram o tempo de deslocamento entre 50% e 300% nas principais vias centrais da cidade.

Em Florianópolis, um projeto de anel viário com implantação de um sistema binário na região do Pantanal e da Carvoeira está em execução. O projeto terá corredor exclusivo de ônibus, no formato BRT (Bus Rapid Transit), em grande parte do trajeto, próximo à região da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Segundo edital lançado ano passado, o BRT está previsto em dois trechos que somam 3,2 quilômetros. As obras viárias no local têm previsão de conclusão até julho.



Em Copenhague, bikes são o meio de transporte de 50% dos moradores



A capital da Alemanha foi a primeira colocada em um ranking internacional de mobilidade

NÚMEROS DO TRÂNSITO DE FLORIANÓPOLIS

FROTA DA CAPITAL

360.829

veículos emplacados, incluindo motos

FONTE: DEPARTAMENTO DE TRÂNSITO DE SANTA CATARINA (DETRAN-SC)

FLUXO DE VEÍCULOS POR DIA

SC-401, liga o Centro ao Norte da Ilha **54,8 MIL**

SC-405, liga os bairros Rio Tavares e Campeche **47,1 MIL**

SC-404, liga o Itacorubi e a Lagoa da Conceição **35,3 MIL**

FONTE: SISTEMA RODOVIÁRIO DE SC DE 2019

TRANSPORTE COLETIVO

Média de passageiros (ano)

2017 **50.046.454**

2018 **48.650.176**

2019 **40.026.164**

FONTE: CONSÓRCIO FÊNIX

AMSTERDÃ (HOLANDA) E COPENHAGUE (DINAMARCA)

As duas cidades europeias se destacam pelas boas condições e pela prioridade oferecidas ao transporte via bicicleta. Em Amsterdã, a cidade conta com cerca de 880 mil bicicletas, número maior do que a população da cidade, estimado em 820 mil em 2015. Em Copenhague, as bikes respondem pelo meio de transporte adotado por 50% dos moradores nos trajetos para trabalhar ou estudar. Amsterdã conta com vagas em estacionamentos subterrâneos para ciclistas guardarem as bicicle-

tas. Por todo o cenário favorável, com ciclovias integradas, a bicicleta torna-se uma alternativa com alto índice de escolha nessas cidades. Em Amsterdã, e as bicicletas possuem preferência. - Temos que ter não só o circuito interligado, como a prioridade na própria lei para essa circulação. O Código de Trânsito Brasileiro é 99% voltado para a normatização para veículos - avalia o doutor em Engenharia de Transportes, José Leles de Souza.

BERLIM (ALEMANHA)

A capital da Alemanha foi a primeira colocada em um ranking internacional de mobilidade urbana do estudo Mobility Futures, da consultoria Kantar. No caso de Berlim, o destaque na mobilidade ocorre por maior economia nas viagens e pela rede de infraestrutura de transporte público. Em março deste ano, o governo da tradicional Berlim anunciou investimento de 28 bilhões de euros até 2035 em melhorias no transporte público, como novas linhas de bonde e expansão

de trens e metrô. A intenção é reduzir para 3,3 minutos o tempo de espera por um metrô e para 10 minutos o período a aguardar por um ônibus, segundo a Deutsche Welle (DW). - Em Berlim, o destaque principal é o volume de opções intermodais. Você tem trem, ônibus, metrô, bicicletas, tudo interligado, o que permite um rol maior de opções de sistema de transporte - compara Leles de Souza.

SÃO PAULO (BRASIL)

No mesmo ranking do Mobility Futures que Berlim aparece como a primeira colocada, São Paulo ocupa a penúltima colocação entre 31 cidades do mundo. Ainda assim, no Brasil, a capital paulista é quem ocupa a melhor condição de mobilidade entre as grandes cidades do país. O motivo é o mesmo fator que rende destaque a Berlim e que poderia ampliar as opções de deslocamento em Florianópolis: variedade de opções para deslocamento.

- O sistema de Londres, outro caso famoso na Europa, tem em torno de 400 quilômetros somente de rede de metrô na área urbana. Em São Paulo, com as entregas recentes, está chegando à casa de 100 quilômetros. Considerando o tamanho da população e das duas cidades, estamos longe de ter as mesmas alternativas. Mas, ainda que seja pouco, São Paulo é a cidade brasileira que mais tem volume de alternativas. Usa-se trem, metrô, transporte individual, há espaço cicloviários - analisa Leles de Souza.

CURITIBA (BRASIL)

Outro caso famoso na área de mobilidade entre cidades brasileiras é o de Curitiba. No caso da capital paranaense, o destaque foi o modelo de transporte coletivo implantado a partir de 1974. No formato de BRT (bus rapid transit), o sistema conta com terminais integrados, ônibus articulados e biarticulados, canaletas exclusivas para os veículos e estações de embarque fechadas e com pagamento antecipado. O modelo inspirou sistemas de transporte coletivo

em mais de 80 países e alguns desses conceitos são replicados até hoje. Nos últimos anos, no entanto, a cidade viu crescer o número de reclamações por conta de fatores como necessidade de renovação da frota - Foi um exemplo para boa parte da América Latina. Colômbia e Peru utilizam hoje sistema parecido - explica o professor da Udesc Daniel Pinheiro, responsável por um estudo sobre opções de mobilidade em Florianópolis.

MEDELLÍN (COLÔMBIA)

A cidade que já foi conhecida pela violência do narcotráfico e que se reinventou pela inclusão social desenvolveu um sistema de mobilidade diversificado, com alternativas como metrô de superfície, BRT e ciclovias. Mas são os teleféricos ligando as regiões periféricas à área central de Medellín o meio de transporte mais famoso da cidade colombiana. Ligação por bondinho entre a região do Centro, Morro da Cruz e Trindade já chegou a ser discutida em Florianópolis em 2013, mas até hoje não avan-

çou. Embora na Colômbia - e também no RJ - seja utilizado como deslocamento por trabalhadores, o modelo é considerado interessante. - Isso não é algo que resolveria o problema de mobilidade. Seria mais uma opção para quem mora na região central, que está indo de um lado a outro do morro. Mas o problema de mobilidade está principalmente na conexão para trazer pessoas de lugares mais longes do Centro - avalia Daniel Pinheiro

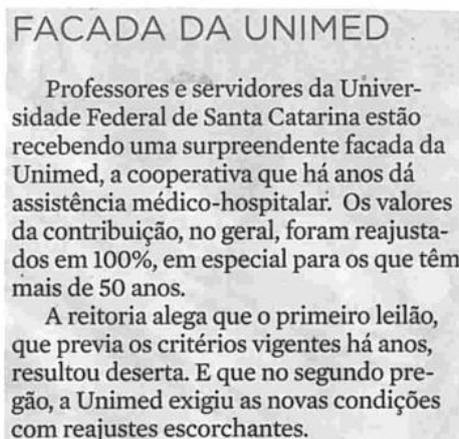
RIO DE JANEIRO (BRASIL)

Na capital carioca ocorre um exemplo de modal de transporte bastante discutido, mas ainda quase inexistente em Florianópolis: o transporte marítimo. No caso fluminense, barcas com capacidade para de 1,3 mil a 2 mil pessoas fazem o deslocamento entre Rio e Niterói. Em Salvador, o transporte marítimo também foi adotado como forma de desafogar o sistema de trânsito em determinados trajetos. - O caso de Florianópolis é especial porque há

condições de interligar as regiões da cidade. Você pode integrar bairros do Norte e do Sul da Ilha com o Centro, do Sul com Norte, as cidades próximas. É característica que boa parte das outras cidades não têm e que pode ser aproveitada - defende José Leles de Souza, que menciona que mesmo no Rio e em Salvador o transporte marítimo ainda é feito de forma tímida. Uma discussão em Florianópolis já tentou implantar, mas até o momento não avançou.

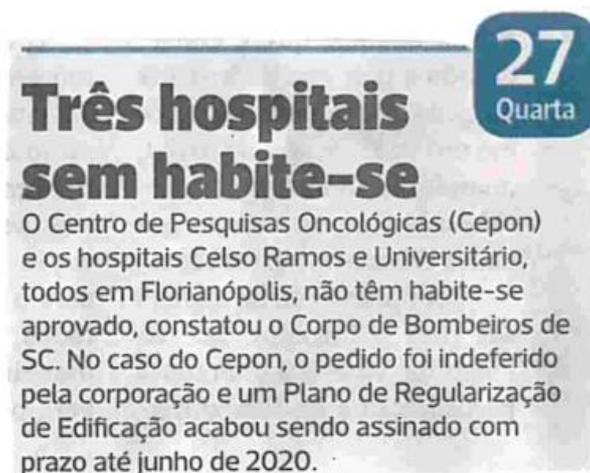
DC Revista e AN Revista
Moacir Pereira
"Facada da Unimed"

Facada da Unimed / Universidade Federal de Santa Catarina / Plano de Saúde



Notícias do Dia
A Semana
"Três hospitais sem habite-se"

Três hospitais sem habite-se / Cepon / Centro de Pesquisas Oncológicas / Hospital Universitário Professor Polydoro Ernani de São Thiago / Hospital Celso Ramos / Corpo de Bombeiros



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

30/11/2019

[Novembrada: há 40 anos, Centro de Florianópolis era palco de uma revolta popular](#)

[Há 40 anos a Novembrada parava Florianópolis e lançava ecos para o país](#)

[Pássaro Guará é visto em Florianópolis após 160 anos](#)

[Esmam encerra 2019 com quatro eventos sobre Direitos Humanos, Psicologia Jurídica e outros](#)

[Confira sete cidades que criaram soluções de mobilidade e podem inspirar ações](#)

01/12/2019

[Ensino de ofício | Revista Pesquisa Fapesp](#)

[A chegada dos carros voadores](#)

[Receitas culinárias adaptadas para pacientes com diabetes](#)

[Estudantes de Enfermeria realizaram práticas de atenção primária em Brasil](#)